

Editorial – Música e memória

Embora a música seja, em princípio, considerada como linguagem autônoma, sem vínculos diretos com o objeto de referência, processos socioculturais tendem a construir associações simbólicas. Em virtude de sua forte presença na cultura, a canção ocupa um lugar especial no conjunto das produções musicais. Dada sua capacidade de movência e os processos de nomadismo e hibridismo, ela acaba por garantir sua inserção na paisagem sonora e contribui para a consolidação de memórias da/na cultura midiática. Tal permanência se dá não apenas por realizações performáticas memoráveis, mas também por meio de outras formas de fixação e transmissão da obra.

A partir das diversas formas de registro, é possível conceber o desenvolvimento da linguagem musical, seu percurso histórico, por meio da performance e das partituras, assim como de seus intérpretes. Além disso, fontes subsidiárias como a iconografia (capas de disco, artes visuais, fotografias), as matérias publicadas em periódicos (anúncios de lançamentos, venda de ingressos, colunas, seções dedicadas a assinantes), obras literárias e audiovisuais, entre outros, fornecem informações relevantes acerca da memória e da história, da estética da época em que a obra foi concebida ou estreada, de seus modelos interpretativos/performáticos, assim como o pensamento do compositor/produtor/editor. Postas estas múltiplas possibilidades de fixação da

música como memória, no cerne de uma cultura midiática, cabe-nos apresentar os autores que contribuíram com seus artigos para este número da Revista Brasileira de Estudos em Música e Mídia

Sophie Maisonneuve nos brinda com o texto de abertura: *Viva a sua música! A música como experiência. Uma análise pragmática e sociotécnica da invenção de ouvir música gravada*. Nesta versão revista da palestra proferida por ocasião do 12º. Encontro Internacional de Música e Mídia (2016), a autora discute os paradigmas da experiência da escuta relacionados à tecnologia, e demonstra que, desde os primeiros tempos, as técnicas não são predeterminadas, mas elaboradas por seus consumidores para, então, serem integradas as suas experiências. Tais experiências sempre foram compartilhadas pelos consumidores de música em disco de diversas maneiras, incluindo colunas de jornais, dedicadas ao tema. Em outras palavras: a escuta é configurada por parâmetros que ultrapassam as determinações da indústria fonográfica e os modelos resultantes trarão consequências no que diz respeito ao desenvolvimento dos modos de escutar música.

A música registrada em discos, assim como a produção das gravadoras é tema, ainda, de outros textos deste dossiê: Johan Cavalcanti van Haandel aborda três gravadoras do grupo brasileiro Byington – Gravações Elétricas, Chantecler e Phonodisc – e como atuaram na difusão da música *pop* internacional nos anos 1970, no qual destaca as relações dessas companhias com as *majors* numa época em que cresciam os mercados consumidor e produtor de discos no país. Em *Memórias líricas da amizade em Clube da Esquina*, Leandro Aguiar Severino dos Santos analisa como os músicos mineiros trabalham os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade no disco *Clube da Esquina* (1972), época em que o país se debatia contra a ditadura militar. Além disso, demonstra como compositores e músicos de varadas origens conseguiram construir uma nova sonoridade na música mineira e brasileira. Caroline Govari, no artigo “*Alô, tchurma do Bom Fim*”: *Memórias de uma cena musical porto-alegrense*, reconstrói a cena da música jovem no bairro Bom Fim, em Porto Alegre (RS), conhecido como “a casa do rock gaúcho a partir da metade da década de 1980”. Neste trabalho, conceitos de memória, identidade e cenas musicais se cruzam na análise da produção musical local.

Testemunhos pessoais, entrevistas, depoimentos, em sua corporificação sonora ou textual, inscrevem-se como fontes originais deliberadamente criadas. Ainda, esses

suportes documentais e dispositivos mnemônicos abrem caminho para a percepção dos vínculos entre os fatos da vida individual, coletiva ou social e os atos de produção e consumo de música, nas mídias ou a partir delas: a configuração de lugares de memória (musical/musicais), a memória da escuta e os passados sônicos, as práticas patrimoniais, relacionadas a grupos sociais específicos. É dessa forma que o dossiê se encerra, com o trabalho de Luiz Costa-Lima Neto, que analisa a canção xavante *Wamama’u*, sonhada pelo ancião Hosana Tumõtsu, da aldeia São Marcos (MT), em por volta de 1980. A canção, performada numa missa católica celebrada pelos Xavante na aldeia São Pedro (MT), em 2006, foi transcrita em partitura e analisada, relacionando música, sociedade, mito e o contexto político. No artigo são abordados aspectos históricos e estruturais da sociedade Xavante, e como se deu o relacionamento entre indígenas, agentes governamentais e missionários. A questão central é se a memória de longa duração dos Xavante Ocidentais incorporou a religião católica e seus rituais sem perder a identidade indígena, ou se terá sido o inconsciente dos Xavante que foi catequisado pelos missionários salesianos, abrindo caminho para a exploração econômica das terras dos indígenas.

Visitando a música de concerto, passamos a uma série de acontecimentos que trouxeram consideráveis mudanças no pensamento estético da música brasileira. É o tema sobre qual se debruça Joevan de Mattos Caitano em *Gilberto Mendes y los compositores de São Paulo en Darmstadt: Intercambio de correspondencia con el IMD en 1960 y 1970*. Baseado em materiais do Internationales Musikinstitut Darmstadt, da Alemanha, o autor discute os desafios dos músicos brasileiros em Darmstadt no apogeu da guerra fria. Além de Mendes, são citados Willy Corrêa de Oliveira, Eunice Katunda e Almeida Prado, que receberam apoio da embaixada alemã em São Paulo para viajarem para o Festival de Darmstadt.

Na seção de artigos livres, apresentamos o texto *Entre canção e visual: Representações e Identificações latinas, em Camila Cabello, através da produção Hey Ma*, de Igor Lemos Moreira, em que se discute a canção e o videoclipe *Hey Ma* (2017) como marco da “guinada latina” da cantora. O autor parte de várias fontes teóricas que o permitem entender e analisar alguns aspectos subjacentes que orientam a concepção imaginária do conceito de “latina” e, assim, a produção da canção em sua vertente audiovisual.

Partindo para o campo da composição a partir da improvisação livre, os autores Marina Mapurunga e Fabio Manzione, em *Etnografias audiovisuais e(m)*

enclausuramentos: a criação remota de um documentário sobre livre improvisação musical durante a pandemia de Covid-19, refletem sobre a produção do média-metragem documental *Som Latente* para discutir as possibilidades de criação da livre improvisação musical em meio às limitações trazidas pelo enclausuramento em massa instaurado durante a pandemia de Covid-19 e os aspectos contingenciais das relações poéticas mediadas pela Internet. Participantes da Orquestra Errante, ambos investigaram as maneiras de realizar processos de criação audiovisuais por meio da Internet e, nessa dinâmica, se propuseram a interseccionar suas pesquisas acadêmicas. O trabalho deverá contribuir ainda, num futuro próximo, como registros sobre as poéticas composicionais e suas possíveis performances, num período em que o isolamento social se tornou um determinante em escala planetária, por um período superior a um ano.

Em Notas de Pesquisa, o artigo *Potencial expressivo e informativo da paisagem sonora na estética audiovisual* apresenta resultados da pesquisa de Iniciação Científica sobre duas obras do cinema brasileiro, *Eletrodoméstica*, de Kléber Mendonça Filho (2005) e o clássico *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos (1963). Na investigação, os autores Barbara Silva, Alexandre Marino Fernandez, Renato Coelho Pannacci exploram o potencial expressivo e informativo da paisagem sonora no âmbito audiovisual.

Na última seção, a edição apresenta a resenha, escrita por Paulo Henrique de Moura, do livro *Narciso em Férias*, obra autobiográfica de Caetano Veloso em que narra os 54 dias de sua prisão durante a ditadura militar brasileira. Com esse livro, em que registra suas memórias, Veloso contribui com os estudos não apenas sobre a sua obra, bem como com a memória da música popular do período.

Em síntese, este número da Revista atesta que as relações entre música e memória aparecem atravessadas nos artigos por diversos temas aqui abordados. A memória é desenhada sob vetores, aparentemente opostos, porém, complementares. De um lado, ela aparece como reconstrução no presente de algo performado no passado, como se um ponto de vista do presente mostrasse a música do passado sob um ponto de vista histórico. De outro, constrói-se em ações no presente abarcando elementos esparsos do passado, como se o presente se construísse por remissões a tempos pregressos.

Com este volume, acreditamos que as contribuições trazidas pelos autores significam importantes subsídios para os estudos referentes a este tema tão extenso, quanto abrangente, que é o das relações entre música, memória e mídia.